



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE - UERN**  
**CAMPUS AVANÇADO DE PATU - CAP**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS - DLV**  
**CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA E RESPECTIVAS LITERATURAS**

THÁSSIO DE PAIVA COSTA

**“O QUE FAZ ANDAR A ESTRADA É O SONHO”:** O CRONÓTOPO ONÍRICO  
ENQUANTO POLÍTICA DE VIDA EM *TERRA SONÂMBULA*, DE MIA COUTO

PATU - RN  
2021

THÁSSIO DE PAIVA COSTA

“O QUE FAZ ANDAR A ESTRADA É O SONHO”: O CRONÓTOPO ONÍRICO  
ENQUANTO POLÍTICA DE VIDA EM *TERRA SONÂMBULA*, DE MIA COUTO

Monografia apresentada a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), como requisito obrigatório para a obtenção do grau de Licenciatura em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dra. Annie Tarsis  
Morais Figueiredo

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

**Catálogo da Publicação na Fonte.**  
**Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.**

C837q Costa, Thássio de Paiva  
"O que faz andar a estrada é o sonho": O cronótopo onírico enquanto política de vida em Terra Sonâmbula, de Mia Couto. / Thássio de Paiva Costa. - Patu, 2021.  
49p.

Orientador(a): Profa. Dra. Annie Tarsis Morais Figueiredo.

Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)).  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Cronótopo onírico. 2. Encantamento. 3. Política de vida. 4. Literatura africana contemporânea. 5. Terra Sonâmbula. I. Figueiredo, Annie Tarsis Morais. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

## AGRADECIMENTOS

Os caminhos que me trouxeram até esta estrada, que foi a graduação no curso de Letras, foram formados por incontáveis passos que me guiaram. Diante de muitos incentivos, muita persistência e segurança neste sonho, moldado por diversas pessoas iluminadas que estiveram comigo nesta trajetória. Em primeiro agradecimento, vogo a Deus, por meio Dele sou capaz de caminhar nesta estrada que é vida.

Agradeço aos familiares que estão comigo neste sonho, em dedicação especial a minha mãe, Cléia, que é minha conselheira, amiga e professora da vida, e que só consegui chegar até aqui graças ao seu amor.

Deixo registrado o meu agradecimento especial ao professor Erivan, que acreditou sempre na minha capacidade e nunca mediu esforços em ajudar, sempre esteve incentivando e cuidando como um pai.

Agradeço ao meu irmão, Thauan, pelas conversas sobre tudo o que o nosso laço gêmeo possa nos compartilhar, e ao meu irmão Thallys (*in memoriam*) que durante a sua passagem pode transmitir os seus ensinamentos para nós.

Agradeço ao meu pai Severino, que mesmo distante, sempre esteve presente nos meus estudos.

Agradecimento a UERN, em especial ao *Campus Avançado* de Patu, por abrir inúmeras portas de diversos sonhos. Gratidão a professora Cláudia Tomé, diretora do CAP, pelo seu trabalho e carinho. Aos professores e funcionários do campus, em especial, as professoras Beatriz Pazini e Lailsa Ribeiro, e a minha orientadora, Annie Figueiredo, que confiaram e me apoiaram nesta estrada das Literaturas, dando total força para seguir nesta pesquisa.

Agradeço a banca examinadora, Profa. Francisca Lailsa Ribeiro Pinto e Prof. Luís Eduardo Veloso Garcia, por aceitarem o convite e por disponibilizarem um tempo para a leitura e análise do meu trabalho, as contribuições de vocês serão riquíssimas para a construção e avaliação do projeto.

Gratidão a minhas amigas, Eduarda, Mariana, Marília e Neta, que a nossa amizade continue construindo incalculáveis sonhos juntos. Aos meus amigos Felipe e Jonnas, pelas incontáveis conversas e apoio ao longo dessa trajetória. Agradeço a Everlândia, que sempre me deixa alegre em nossas conversas, e a Ingrid, Talia e Thanara que ao longo do nosso projeto de pesquisa fomos criando uma linda conexão.

Meu agradecimento a minha amiga Cláudia (Casa da Xerox), por sempre me ajudar e acreditar no meu sonho. Cada um de vocês fazem parte daquilo que sou hoje. Agradeço a todos aqueles que fizeram parte deste sonho, e por meio dele possamos seguir rumo ao futuro de muitas conquistas e lutas para a ciência e para a docência.

*As circunstâncias do nascimento de alguém são irrelevantes. É o que você faz com o dom da vida que determina quem você é.*

*Mewtwo - Pokémon o filme.*

## RESUMO

Esta pesquisa tem como foco a construção do cronótopo onírico enquanto política de vida no romance *Terra Sonâmbula* (2007), de Mia Couto. A narrativa se passa na Moçambique após independência, e os espaços-tempos encontrados advêm da esperança em meio ao ambiente desolador do pós-guerra. Como hipótese de que os sonhos configuram uma via para o (re)encantamento no mundo, indagamos: como o cronótopo onírico atua nas personagens por meio das relações de resistência ao extermínio causado pelo processo colonial? Diante de uma pesquisa exploratória da relação dos espaços-tempos reais e oníricos no romance como atuantes do encantamento na política de vida na obra, dialogamos com Luiz Antonio Simas (2020) e Luiz Rufino (2019;2020), para identificar a movimentação da construção do (re)encantamento na trama. Mediante o deslocamento territorial em meio à catástrofe, observamos por um caráter qualitativo e bibliográfico a mudança da vida, se contrapondo às políticas de morte ali aplicadas (MBEMBE, 2018). Pensando junto com Sidarta Ribeiro (2019), visualizamos o papel de libertações individual e coletiva dos sonhos, atuando na produção do desejo de viver como avesso do desencantamento do mundo (BOURDIEU, 2021). Dessa maneira, o conceito de cronótopo (BAKHTIN, 1998) possibilitou entendermos a relação do espaço e do tempo de forma conjunta e complexa neste trabalho. Constatamos a importância deste elemento dentro da obra para gerar um olhar anticolonial (CÉSAIRE, 2012). Compreendendo o papel da literatura sobre a guerra colonial (VECCHI, 2010) enquanto articulação intervalar com a política (BARBOSA, 1990). Tais elementos foram importantes para o nosso estudo literário, sendo possível projetar um olhar sobre *Terra Sonâmbula* através do cronótopo narrativo costurado pelos sonhos, com a finalidade de valorizarmos a construção do (re)encantamento do mundo.

**Palavras-chave:** Cronótopo onírico; Encantamento; Política de vida; Literatura africana contemporânea; *Terra Sonâmbula*.

## ABSTRACT

This research focuses on the construction of the oneiric chronotope as life politics in the novel *Terra Sonâmbula* (2007), by Mia Couto. The narrative takes place in Mozambique after independence, and the space-times found come from hope in the midst of the desolate post-war environment. As a hypothesis that dreams configure a path to (re)enchantment in the world, we ask: How does the oneiric chronotope act on the characters through the relations of resistance to the extermination caused by the colonial process? Faced with an exploratory research on the relationship of real and dream-like space-times in the novel as agents of enchantment in the politics of life in the work, we dialogue with Luiz Antonio Simas (2020) and Luiz Rufino (2019; 2020), to identify the movement of the construction of (re)enchantment in the plot. Through territorial displacement in the midst of the catastrophe, we observe by a qualitative and bibliographical character the change of life, opposing the death policies applied there (MBEMBE, 2018). Thinking together with Sidarta Ribeiro (2019), we visualize the role of individual and collective liberation of dreams, acting in the production of the desire to live as the opposite of the disenchantment of the world (BOURDIEU, 2021). Thus, the concept of chronotope (BAKHTIN, 1998) allowed us to understand the relationship of space and time in a joint and complex way in this work. We found the importance of this element within the work to generate an anti-colonial look (CÉSAIRE, 2012). Understanding the Role of Literature on Colonial War (VECCHI, 2010) as an interval articulation with politics (BARBOSA, 1990). Such elements were important for our literary study, being possible to project a look at *Terra Sonâmbula* through the narrative chronotope sewn by dreams, with the purpose of valuing the construction of the (re)enchantment of the world.

**Keywords:** Oneiric Chronotope; Enchantment; Life policy; Contemporary African Literature; *Terra Sonâmbula*.



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2 O SONHO COMO ENCANTAMENTO DA VIDA EM <i>TERRA SONÂMBULA</i> .....</b>	<b>12</b>
<b>2.1 A construção literária enquanto política de vida.....</b>	<b>13</b>
<b>2.2 O cronótopo onírico e a sua relação com o (re)encantamento .....</b>	<b>21</b>
<b>3 O SONHO COMO POSSIBILIDADE ANTICOLONIAL EM <i>TERRA SONÂMBULA</i>..</b>	<b>29</b>
<b>3.1 A construção dos espaços-tempos diante das perspectivas anticoloniais.....</b>	<b>31</b>
<b>3.2 A tecelagem da vida através do (re)encantamento do mundo .....</b>	<b>39</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>46</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>49</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Os caminhos que levam a sociedade ao seu prosseguimento são também traçados pelos sonhos, esses que elaboram uma perspectiva produtiva de fuga e de esperança diante de um ambiente e/ou uma realidade em ruínas. Os espaços e tempos de um texto literário são recriações daquilo que foi visto no âmbito sócio-histórico, gerando um profícuo diálogo entre tais categorias narrativas e o âmbito onírico que também produz o pensamento coletivo.

Pensando nisso, este trabalho se projeta através da construção do cronótopo onírico enquanto política de vida no romance *Terra Sonâmbula* (2007), de Mia Couto. Essa temática apresenta o espaço-tempo presente na narrativa como possibilidade de enxergarmos o papel dos sonhos como principal maneira de (re)encantamento do mundo, uma vez que as vidas dos personagens traçam um olhar voltado para a mudança e melhoria da realidade caótica do pós-guerra.

A pesquisa objetiva-se em compreender os processos de (re)encantamento por meio dos sonhos a partir dos diálogos e das relações entre os personagens de *Terra Sonâmbula*, entendendo a ressignificação da consciência humana sobre a vida. Através dos estudos sobre o onírico, em *O oráculo da noite*, de Sidarta Ribeiro (2019) observa a atuação do onírico na elaboração da coletividade, aspecto fundamento para estudarmos o (re)encantamento que advém do cronótopo onírico na narrativa. A temática aqui delimitada parte do princípio crítico, social e político, que a literatura se encontra na contemporaneidade.

Assim, se torna possível pensarmos como o cronótopo onírico atua nas personagens mediante as relações de resistência à catástrofe deixada pelo processo colonial no romance. Diante da perspectiva anticolonial, em relação ao papel dos sonhos como fuga e libertação em meio a realidade caótica, para assim, gerar o (re)encantamento do mundo. Portanto, compreendemos a presença do contínuo das políticas de vida e de morte criada pelos sonhos. Este estudo parte da experiência motivada pelo Projeto de Pesquisa Institucional de Fluxo Contínuo intitulado “*O sonho é o olho da vida*”: *Encantamento & política de vida na prosa contemporânea africana* (2020-2021), em que surgiram os primeiros questionamentos acerca do romance trabalhado.

A presente pesquisa analisará a relação entre o espaço e o tempo onírico como categorias que possibilitam a política de vida no romance *Terra Sonâmbula* (2007). Para isso dialogaremos com Luiz Antonio Simas e Luiz Rufino (2020), identificando a movimentação da política de vida por meio dos diálogos e das relações entre os personagens. Através de *Pedagogia das encruzilhadas*, de Rufino (2019), perceberemos como as construções dos espaços-tempos atuam nos personagens criando um contraponto pela luta e sobrevivência. Além disso, pensaremos a partir de *O corpo encantado das ruas*, de Simas (2020), como a mudança de perspectiva sobre a vida possibilita o (re)encantamento no romance.

Para entender o cronótopo onírico e sua abertura para a esperança, fez-se necessário observar como acontece a sua ação dentro do enredo, de maneira que o *desencantamento do mundo*, de Pierre Bourdieu (2021) auxiliará por meio da resistência frente a morte que circunda os personagens. Por meio das teorias acerca da temática, observaremos como as conexões entre literatura e crítica político-social trabalham dentro da obra. Assim, a pesquisa exploratória abordará a obra literária em relação a política de vida na formação do (re)encantamento, desenvolvendo um trabalho qualitativo pela da necessidade de argumentar os resultados obtidos a partir de um acervo bibliográfico.

A elaboração desta monografia utiliza bases teórico-metodológicas mediante as concepções de relações que traçam caminhos para a compreensão dos elementos do texto e o seu papel político e social nos diálogos produzidos em torno do romance, em que o seu movimento se dá perante a sua recriação enquanto obra literária. Para isso, partiremos do conceito cronótopo, de Mikhail Bakhtin (1998), a fim de entender a relação e a atuação do espaço-tempo com a política de vida.

É preciso dizer que tais elementos são importantes para o estudo das relações de encantamento e política de vida na literatura como forma de ressignificação social do papel de liberdade em torno da construção literária nas comunidades dos países africanos no contemporâneo, dando a importância necessária a forma que este apresenta uma recriação através das perspectivas do romance.

Utilizaremos também, um contraponto através estudos de Achille Mbembe (2018) a respeito da *política de morte*, em relação a política de vida, partiremos o olhar anticolonial interligado à perspectiva proposta por Aimé Césaire (*apud* SANCHES, 2012), e o papel da literatura da guerra colonial de Roberto Vecchi (2010). Além de

Linda Hutcheon (1991) por influência das poéticas pós-modernas, observando em conjunto as ações e percepções em torno da narrativa e sua articulação com uma perspectiva anticolonial, de maneira que a *leitura do intervalo*, de João Alexandre Barbosa (1990) possibilitará articulações entre texto literário e âmbito político.

Composto por duas seções teóricas-analíticas subdivididas em duas subseções, este trabalho apresenta em um primeiro momento, intitulado “O sonho como encantamento da vida em *Terra Sonâmbula*”, uma leitura sobre a relação da política de vida com o romance selecionado, por meio da perspectiva do encantamento através dos sonhos (cronótopo onírico). Assim, na primeira subseção, “A construção literária enquanto política de vida”, veremos como a narrativa entrelaça os espaços-tempos através dos diálogos entre os personagens; no segundo, entenderemos “o cronótopo onírico e a sua relação com o (re)encantamento”, a partir de uma leitura articuladora e suas nuances em torno da vida e da morte.

A segunda seção intitulada “O sonho como possibilidade anticolonial em *Terra Sonâmbula*”, trará uma discussão sobre o âmbito onírico como abertura capaz de ressignificar as perspectivas em volta da vida do romance. Dessa maneira, no primeiro ponto, “a construção dos espaços-tempos diante das perspectivas anticoloniais”, estudaremos como o cronótopo desenvolve um campo de esperança e libertação entre vida e morte na obra. Por fim, na segunda parte, observaremos como ocorre “a tecelagem da vida através do (re)encantamento do mundo”, centrando-se na mudança de perspectiva em meio dos espaços conectados aos sonhos no romance. Dessa forma, as bases teóricas-metodológicas aqui apresentadas tornarão possível este estudo.

A partir das discussões, espera-se que este trabalho possibilite uma ampliação à face da forma em que a construção literária tece os elementos narrativos, viabilizando com que as relações sejam pilares para criação de novos horizontes nas pesquisas, tendo em vista as políticas de vida e o olhar anticolonial no romance de Mia Couto e nas literaturas africanas contemporâneas.

## 2 O SONHO COMO ENCANTAMENTO DA VIDA EM *TERRA SONÂMBULA*

Através da literatura procuramos maneiras de enxergarmos o enredo por meio das relações que abarcam tanto o lado social como o político, articulando-se as ações dos personagens e suas perspectivas dos espaços-tempos narrativos, perceptíveis pelas formas do envolvimento com o romance, uma vez que a literatura contemporânea é capaz de conectar com o real. O papel de uma obra está além de apenas apresentar os fatos, possibilitando uma ligação mediante a crítica e história, formando um novo olhar perante a vida.

Os pensamentos criados a partir do espaço e do tempo estão relacionados com os personagens e suas formas de movimentar o mundo pela existência na obra *Terra Sonâmbula* (2007), viabilizando pensar as práticas políticas e sociais que abarcam a forma de visualizar a obra literária como espaço de libertação, abrindo um novo horizonte acerca das modificações na narrativa. As possibilidades em que o sonho, enquanto articulador do real, permite alcançar ao longo da mudança faz com que sejamos capazes de pensar na obra literária como forma de ressignificar o mundo.

A descrição dos elementos de tempo e espaço na obra de Mia Couto conversam entre si nos fazendo perceber as conexões existentes, e “aquilo que se lê na obra literária é sempre mais do que literatura” (BARBOSA, 1990, p. 15), tal relação com o faz pensar na a vida e as mudanças quem impulsionam o pensamento no decorrer das possibilidades de transformações encontradas nos espaços e tempos que nos cercam.

Entender o sonho como encantamento da vida em *Terra Sonâmbula* é partir da relação dos elementos do romance como formadores para a mudança, e nesta seção, iremos observar em duas subseções, como acontecem os movimentos destes elementos, em que o primeiro ponto abordará “a construção literária enquanto política de vida”, de maneira a entendermos a sua ligação com a obra entre os espaços e tempos moldados a partir dos movimentos dos olhares dos personagens na obra.

No segundo ponto através da relação de tempo e espaço proposto por Bakhtin (1998), em que utilizaremos o termo “cronótopo”, para explicar como estão relativos e ligados ao onírico por meio do (re)encanto, enxergando pelas da leitura e suas nuances, em que o jogo de vida e morte está presente na narrativa de *Terra Sonâmbula*. Ao analisarmos a forma em que Mia Couto perpassa os diálogos dos

personagens nos dois enredos torna possível que os espaços-tempos se inter cruzam e discorrem em cada um dos devidos planos.

Dessa forma, as atuações das políticas de vida são vistas na obra através das relações existentes entre os personagens e as ligações entre os cronótopos, uma vez que se moldam perante os olhares e as transformações ocorridas dentro dos espaços da narrativa. A medida em que avançaremos na seção, iremos compreender o modo como o romance dialoga suas nuances perante a vida e a morte.

## **2.1 A construção literária enquanto política de vida**

A literatura proporciona a passagem de pensamentos ligados a forma em que o enredo se estabelece os seus espaços e tempos narrativos mediante as conexões com os cronótopos reais através da leitura. *Terra Sonâmbula* (2007) é uma narrativa que cria ligações nos quais o leitor passeia nas relações e aventuras dos personagens que saem em busca da concretização de perspectivas e mudanças de vida por via dos sonhos.

O contraste apresentado na obra logo nos seus primeiros capítulos traz uma Moçambique marcada pela guerra, mostrando ao leitor a dificuldade de prosperidade do ambiente situado. O narrador na primeira camada do romance descreve que “naquele lugar, a guerra tinha morto a estrada. Pelos caminhos só as hienas se arrastavam. Focinhando entre cinzas e poeiras. A paisagem se mestiçara de tristezas nunca vistas, em cores que se pegavam a boca” (COUTO, 2007, p. 9). A percepção de como o espaço deixara de ser próspero por conta da guerra, motiva a entender a dualidade encontrada entre a estrada morta e os seres que passam por ela, seja possível notar como a vida é vista a partir de uma forma objetificada e seus espaços trazem todo o peso deixado pelos conflitos.

Ao longo do trajeto salteiam os destroços da guerra naquele espaço, e “pelas bermas apodrecem carros incendiados, restos de pilhagens” (COUTO, 2007, p. 9), este o jogo interpretativo visto na narrativa oportuniza pensar na forma de contraste a partir dos objetos como carros e a estrada, em que apresentam mais vida que os próprios seres vivos que se rastejam e passam por ali. A forma em que percebemos como estes elementos detalham os espaços marcados pela destruição remetem como

a guerra descarta as formas de vidas, em que o seu trajeto nada fica de pé, e ficam cada vez mais colados ao chão.

Nesse ponto, somos apresentados aos personagens, inicialmente a um velho chamado Tuahir, e uma criança que se chama Muidinga, que fora encontrada pelo senhor e lhe dada este nome devido a não se recordar do seu passado. Constata-se que o autor nos mostra o contraste da vida em suas duas passagens, a infância e a velhice, por meio destes personagens, sendo perceptível que ambos saem a procura de abrigo, uma vez que “fogem da guerra, dessa guerra que contaminara toda a sua terra” (COUTO, 2007, p. 9), buscando um local para descansar, e possivelmente fugir de todo aquele caos instaurado no lugar.

A fuga perante a insegurança que se dá pela guerra que ocorre neste plano da narrativa é uma das marcas deixadas pela colonização portuguesa de maneira que o estado caótico em que se encontra Moçambique na obra se deve ao fato da guerra civil instaurada após a independência do país. O historiador Luiz Antonio Simas e o pedagogo pesquisador Luiz Rufino explicam a colonização como produtora do desencanto, e no livro *encantamento: sobre política de vida* (2020), os autores explicam o acarretamento que a colonização ocasionou, assim:

A colonização (pensamos a colonização como fenômeno de longa duração, que está até hoje aí lançando seus venenos), gera “sobras viventes”, seres descartáveis, que não se enquadram na lógica hipermercantilizada e normativa do sistema, onde o consumo e a escassez atuam como irmãos siameses; um depende do outro (SIMAS; RUFINO, 2020, p. 5-6).

Essa analogia se dá ao fato de que durante o conflito civil na obra é perceptível que os espaços nos quais são apontados remetem o fato do descaso em relação aos seres que habitam no lugar, ao ponto de que a guerra massacra tanto um lado como outro, ocorrendo um certo descarte da vida. Este pensamento atravessa pelo olhar dos personagens e suas perspectivas de mudança em meio ao espaço-tempo desolador.

Ao olhar o espaço a partir de Muidinga, vemos que não está convencido de que o lugar em que se encontra o machimbombo é seguro, após discordar de Tuahir, o garoto “não ganha convencimento. Olha a planície, tudo parece desmaiado. Naquele território, tão despido de brilho, ter razão é algo que já não dá vontade” (COUTO, 2007, p. 10), esse olhar da criança quanto ao que está em torno do veículo se faz

mediante ao pensamento de que aquele espaço não é seguro, de que o seu redor não possui vivacidade para a permanência dos personagens naquele ambiente.

Tuahir adentra o ônibus queimado e ver que havia pessoas carbonizadas, e deduzindo que ali é um local seguro para eles descansarem, pois os poderiam se despistar dos perigos da estrada, porém Muidinga pede para que fossem retirados os corpos, pois está “farto de viver entre os mortos” (COUTO, 2007, p. 11), e tal retrato do espaço que o personagem aponta de não suportar a morte em torno dele.

Achille Mbembe (2016, p. 124) explica em seu ensaio sobre a *necropolítica* que “os campos da morte em particular têm sido interpretados de diversas maneiras, como a metáfora central para a violência soberana e destrutiva, e como último sinal do poder absoluto do negativo” (MBEMBE, 2016, p. 124). Tal pensamento diante da morte que é trazida junto com a guerra faz com que o espaço-tempo impacte a forma que os personagens se sintam em está ali.

A falta de esperanças de Muidinga em relação ao fim da guerra e um dia poder sair daquele veículo faz Tuahir lhe dizer que um dia “[...] essa guerra vai acabar. A estrada já vai-se encher de gente, caminhões. Como no tempo de antigamente” (COUTO, 2007, p. 13). Essa possibilidade levanta as esperanças para o pensamento do personagem, de maneira que ele sinta confiante em continuar a procurar o seu passado, e dessa maneira, a narrativa já prepara para adentrar na sua segunda camada, e aqui vamos perceber o seu papel na mudança de perspectiva do cronótopo em que se situa Muidinga e Tuahir.

O esperar em meio a possibilidade de transformar a situação dos elementos do cronótopo é o que movimenta os personagens, as leituras dos cadernos de Kindzu fazem com que se sintam mais próximos de uma realidade um pouco antes da guerra. O fato de Muidinga não saber o seu passado faz com ele enxergue uma esperança por meio dos espaços e tempos nos quais Kindzu percorre em sua narrativa. Nesta perspectiva, os escapes da obra marcam a resistência da vida, assim Simas e Rufino (2020, p. 9) explicam que:

Para dobrar a lógica de mortandade é fundamental considerarmos que a morte como duplo da vida, passagem para outras dimensões da existência, travessia nos ciclos do tempo e cumprimento da ética ancestral não é um radical da escassez, da interrupção, mas sim da continuidade (SIMAS; RUFINO, 2020, p. 9).



Diante de todo o espaço de morte nos quais se ambientam a primeira narrativa, acontece um contraste perante a vivacidade apresentada nas leituras dos cadernos de Kindzu, de como o personagem é ciente do que acontece ao redor, uma vez sendo um narrador personagem, ele vai estar interagindo com os elementos por meio da narração dos fatos, logo nas primeiras linhas do capítulo dos diários, vemos a sua consciência na relação entre o tempo e o espaço que conciliam com os seus sonhos e pensamentos, descrevendo que:

Quero pôs os tempos, em sua mansa ordem, conforme esperas e sofrências. Mas as lembranças desobedecem, entre a vontade de serem nada e o gosto de me roubarem do presente. Acendo a estória, me apago a mim. No fim destes escritos, serei de novo uma sombra sem voz (COUTO, 2007, p. 15).

Ao contar o seu relato o personagem já se propaga em meio ao tempo em que acontecem as suas relações. Os seus sonhos se espalham em relação ao seu estado em meio ao futuro, de maneira que a narrativa precede o fim que o personagem Kindzu no romance. Assim, a forma que ocorre a transição dos núcleos se dá pelas leituras dos cadernos, unindo as relações dos seus sonhos aos objetivos.

A forma que acontecem os movimentos entre os espaços-tempos narrativos fazem com que o leitor sinta a relação que cada elemento produz no enredo, moldando a ligação entre as ações dos personagens. A construção da obra está além de apenas apresentar os fatos da guerra civil ocorrida em Moçambique, ela expõe uma visão paralela a oficial.

Em *a leitura do intervalo* de João Alexandre Barbosa (1990, p. 17), compreende-se que os elementos apreendidos por meio da obra literária possuem significados transformados em um sentido mais amplo, em que “entre o espaço empírico anterior e o do reencontro através da leitura, aqueles psicológicos, sociais ou históricos foram articulados pelo que é literatura na leitura da literatura [...]” (BARBOSA, 1990, p. 17), embarcando o leitor a sentir os elementos narrativos agregando-se as memórias, nas perspectivas e vivências que são capazes de enxergar a partir do texto.

Tais leituras são percebidas a medida em que a narrativa de Kindzu abre-se para o leitor, em que as histórias contadas de geração em geração criam laços culturais em uma sociedade. No decorrer das conexões estabelecidas entre os mundos físicos e espirituais mediante a relação cultural da leitura dos sonhos,

percebe-se como a vida é capaz de dá voltas, em que a morte não se torna o fim, mas sim o começo para algo novo.

O relacionamento do pai do personagem com os seus laços culturais cria uma ponte pelo o seu sonambulismo, e a partir da narração de Kindzu vemos que Taímo “sofria de sonhos, saía pela noite de olhos transabertos. Como dormia fora, nem dávamos conta [...]. Taímo recebia notícia do futuro por via dos antepassados” (COUTO, 2007, p. 16). A necessidade de entender o sonho como elemento capaz de transformar o espaço e o tempo, se torna possível a ponto de que o personagem conversava com o mundo espiritual para compreender uma forma de mudança e salvação para a sua família.

A construção literária em torno do sonho de Taímo em relação a independência de Moçambique formula um olhar ao futuro elemento que vai transfigurar o espaço narrativo, uma vez que após o nascimento do filho mais novo, o Junhito, veio a guerra civil, e aqui vemos como a guerra muda todo o cenário, em que:

No princípio, só escutávamos as vagas novidades, acontecidas no longe. Depois, os tiroteios foram chegando mais perto e o sangue foi enchendo nossos medos. A guerra é uma cobra que usa os nossos próprios dentes para nos morder. Seu veneno circulava agora em todos os rios da nossa alma. O sonho é o olho da vida. Nós estávamos cegos (COUTO, 2007, p. 17).

O romance mostra o tempo todo como a guerra deixou marcas profundas nas suas construções sociais, de maneira que o sonho de um dia tudo possa ser diferente as vezes se torna distante. A medida em que consideramos a luta constante da vida e morte, percebemos também uma outra relação decorrente do (re)encanto, de maneira a pensarmos como pode ocorrer a perda das esperanças de um dia em que tudo possa ser diferente.

Assim, ao refletirmos que “o sonho é o olho da vida” (COUTO, 2007, p. 17), é uma forma de dizer que o onírico é capaz de mudar as nossas perspectivas, assim, Simas e Rufino (2020) explicam que “o contrário da vida não é a morte, o contrário da vida é o desencanto” (SIMAS; RUFINO, 2020, p. 10), e ao considerarmos a forma que vivemos o fato de como enxergamos as coisas, articulando-se a forma que a narrativa se mantém em poder seguir mesmo quando tudo ao redor está aparentemente desolado.

Diante da relação existente entre o espaço onírico na obra, percebe-se o papel que este tem sobre o personagem de Taímo, que por meio de um sonho, pressentiu

que a sua família seria afetada pela guerra que acontecia na região, descrevendo que “a morte vai pousar daqui, [...] sentenciou o velho Taímo. Quem vai receber esse apagamento é um de vocês, meus filhos” (COUTO, 2007, p. 18), e a vítima seria o seu filho mais novo, em meio a todo o lamento e desespero da família, o personagem cria uma maneira de “driblar” a morte.

Para contornar a situação, o patriarca explica que “este problema eu já todo eu pensei. Em diante, Junhito vai viver no galinheiro” (COUTO, 2007, p. 18), e dessa maneira, “o miúdo devia mudar, alma e corpo, na aparência de galinha” (COUTO, 2007, p. 18), e perante essa alteração nos traços do menino seria possível mudar aquele clima mortífero no qual o sonho do pai premonizava para então que fosse realizado o salvamento de todos da família. Esse jogo da troca de funções nos quais o personagem passa faz com que o leitor perceba que por meio dessa possibilidade, como tal espaço dos corpos são configurados para então a sobrevivência.

Assim, o que Luiz Rufino (2019, p. 15) explica na *pedagogia das encruzilhadas*, é que “a ancestralidade é a vida enquanto possibilidade, de modo que ser vivo é estar em condição de encanto [...]” (RUFINO, 2020, p. 15). O papel da ancestralidade dentro do enredo da narrativa torna a ligação entre os planos mais próximos a medida em que o encanto se firma dentro de todo o enredo.

Após o sumiço de Junhito, toda a família sofreu com a perda, mas foi o pai, que devido a profunda tristeza, aumentou as beberagens, e um dia fora encontrado morto, e após estes episódios, Kindzu ver todos ao seu redor partindo do lugar, descrevendo no diário que “desde a morte de meu pai me derivo sozinho, órfão como uma onda, irmão das coisas sem nome” (COUTO, 2007, p. 22). E assim, ele parte para uma jornada em busca de se encontrar no mundo, e realizar o desejo de se tornar um *naparama*, e lutar pela igualdade e justiça. E perante desse desejo de sair e em busca por uma mudança, seu pai retorna através de um sonho, em que conversa com o personagem sobre suas escolhas, e lhe pergunta:

- Queres sair da terra?
- Pai eu já não aguento aqui. Fecho os olhos e só vejo mortos, vejo a morte dos vivos, a morte dos mortos.
- Se tu saíres terás que me ver a mim: hei-de-te perseguir, vais sofrer para sempre as minhas visões...
- Mas, pai...
- Nunca mais me chames de pai, a partir de agora serei teu inimigo (COUTO, 2007, p. 29).

A conversa se sustenta a partir de um vínculo por meio dos sonhos, no qual o personagem de Taímo retorna a narrativa para ser uma espécie de conselheiro de Kindzu, adentrando no espaço-tempo onírico da narrativa, apresentando suas queixas perante os atos do jovem. A ancestralidade que permeia o enredo se estabelece através dos espaços sonâmbulos moldados no romance, permitindo esse movimento em torno do encanto do futuro dentro dos enredos. Assim, a mensagem deixada pelo espírito do pai do jovem Kindzu quebra a barreira da morte por artifício do (re)encantamento dos sonhos, como Simas e Rufino (2020, p. 14) explicam que:

Quando falamos de ancestralidade, não estamos reverenciando a morte, mas fortalecendo conexões entre os mortos e os vivos; coisa que preserva perfeitamente viva a história da comunidade. O morto representa uma realidade física e espiritual, presente tanto no passado quanto no agora, entre os vivos (SIMAS; RUFINO, 2020, p. 14).

E esse jogo que a obra de *Terra Sonâmbula* passa entre a vida e a morte mostra como essas dicotomias se intensificam através dos espaços nos quais situam o primeiro e segundo plano das narrativas, em que a primeira se apresenta um clima de aparentemente morte, de modo que os personagens rastejam feito insetos, e já no plano onírico da segunda identificamos que a barreira da morte não determina o fim de algo e sim o caminho que trilha a vivacidade neste plano.

No primeiro núcleo, percebemos como as “letras dos sonhos” criam esperanças para o personagem Muidinga querer ir a fundo em conhecer o seu passado, que pelo processo da leitura dos espaços e tempos nos quais Kindzu passou, cria uma certa ligação com o garoto. Assim, as conexões espaço-temporais transformam a visão do personagem, oportunizando que conseguisse “o tempo ele o queria apenas para mergulhar nas misteriosas folhas [...]” (COUTO, 2007, p. 34), e ir de encontro as memórias dos cadernos para formar as suas.

A discussão dos dois núcleos nos apresenta como tais espaços e tempos se comunicam entre os saberes ancestrais, acentuando o papel do encanto diante da vida. A medida em que avançamos é percebível como as ligações entre as duas camadas do romance se comunicam por meio dos espaços e dos sonhos dos personagens perante o (re)esperançar do local. Assim Luiz Rufino (2019, p. 16) explica que para quebrar o pensamento colonial é preciso:

Combater o esquecimento é uma das principais armas contra o desencante do mundo. O não esquecimento é substancial para a invenção de novos seres, livres e combatentes de qualquer espreitamento do poder colonial (RUFINO, 2019, p. 16).

A escrita dos cadernos demarca um jogo no cronótopo, torna-se um elemento capaz de romper a comunicação entre as duas narrativas na tentativa de que os acontecimentos marcados em Moçambique não delimitem apenas naquele espaço-tempo, mas atravessando pelas movimentações dos pensamentos dos personagens, tornando-os capazes de imaginar uma alteração na perspectiva em que se encontram.

Muidinga estabelece em seus pensamentos de certo modo a lhe impulsionar a querer conhecer aquele espaço-tempo no qual Kindzu traz em seus escritos, e perguntando para si mesmo sobre “as colorações que devia haver na vila de Kindzu antes da guerra desbotar as esperanças?! Quando é que cores voltariam a florir, a terra aco-iriscando?” (COUTO, 2007, p. 37). Tal pensamento faz querer saber como tal movimentação levou o lugar no qual trafegam chegou a tal desolação, e quando vai chegar o fim desta guerra, que marca não apenas o espaço exterior, mas como também o interior, arrebatando os sonhos e desejos de um povo.

O impulso em querer buscar na memória os resquícios de um tempo passado, em que em seus sonhos se conectam as lembranças da sua infância e assim “de súbito, lhe chegam sons distantes no tempo, semelhando gritos de meninagem em recreio. O menino estremece: aquela era uma primeira lembrança” (COUTO, 2007, p. 37). Assim, identifica-se “o encantamento enquanto manifestação da vivacidade expressa no cruzo entre naturezas e linguagens [...]” (SIMAS; RUFINO, 2020, p. 15), e nesta ação vemos o (re)estabelecimento da vida, em suas suaves mobilidades aos olhos de uma criança, em não se faz a presença da morte, do apagamento das memórias, e sim o seu renascimento.

Mediante a movimentação diante da relação com do (re)encantamento na narrativa iremos nos adentrar na forma em que o sonho modifica o seu papel no enredo, se relacionando através da perspectiva da política de vida dentro da obra de Mia Couto. No tópico que vem a seguir, veremos como a relação entre o tempo e espaço constroem uma relação entre os sonhos, observando a relação entre vida e morte como campos atuantes no esperar que a obra literária apresenta.

## 2.2 O cronótopo onírico e a sua relação com o (re)encantamento

Ao ambientarmos nos espaços apresentados na leitura da obra literária, é possível perceber como nos ligamos por intermédio das nossas lembranças através de um mover de objetos em cena, e no decorrer dos elementos da narrativa somos levados à frente de passagens de tempo e de espaço para compreender como estas locomoções refletem nos planos do romance.

Os espaços-tempos mesclam-se a dados históricos, e a obra literária utiliza tais meios para apresentar a guerra civil moçambicana, e além disto, paralelamente o enredo atravessa o campo do real por via da ligação dos elementos místicos atrelados a perspectiva dos sonhos.

Os diálogos que Kindzu tem com o seu pai são ambientados por procedimento dos sonhos, uma vez que Taímo encontra-se morto, o personagem retorna a narrativa no decorrer dos sonhos do filho, em que o jovem explica que irá “acabar com a guerra” (COUTO, 2007, p. 44), após a fala, descobre-se que todo o sofrimento que passou foi obra de seu pai, e Taímo lamentando explica que:

— Sou um morto desconsolado. Ninguém me presta cerimónias. [...] Como posso te ajudar, te livrar das sujidades? Deixaste a casa, abandonaste a árvore sagrada. Partiste sem me rezares. Agora, sofres as consequências. Sou eu que ando a ratanazar teu juízo (COUTO, 2007, p. 45).

A construção por intervenção do campo onírico é uma forma de como tal espaço quebra a lógica linear do tempo e espaço. Sidarta Ribeiro (2019) em *o oráculo da noite* explica a necessidade dos sonhos enquanto um ensaio preparatório para o futuro, ao modo de dizer que “o sonho é um simulacro da realidade feito de fragmentos de memórias” (RIBEIRO, 2019, p. 14), assim, nos sonhos de Kindzu, seu pai Taímo apresenta-se como uma espécie de mentor, guiando-o e lhe marcando perante as suas ações no espaço-tempo terreno.

Tais encontros irão formular pensamentos em relação ao tempo presente no qual Kindzu retrata nos seus diários, e ao se encontrar com seu pai, o personagem retorna ao pensamento de quando criança e lhe pergunta sobre os motivos de que a terra continua sempre da mesma forma, o espírito do progenitor explica que “é porque trabalha deitada. Quando cansa ela já está em sua esteira, quieta no sono dela. Aprendi muito da terra. É o que você devia fazer” (COUTO, 2007, p. 47). A perspectiva

de tal modo prossegue a cultura no qual se entrelaça no romance, tornando os elementos mágicos capazes de quebrar a barreira do imaginário.

A medida que se encerra o espaço-tempo de Kindzu, a narrativa faz o seu retorno para o primeiro plano, no qual Muidinga e Tuahir acordam de mais uma noite de sono, em que “os escritos de Kindzu lhe começam a ocupar a fantasia” (COUTO, 2007, p. 48), fazendo o garoto a imaginar os tempos dos cadernos aos seus, tal efeito se faz na obra literária uma vez que o filósofo russo Mikhail Bakhtin (1998) em seu livro *questões de literatura e estética* aborda como o cronótopo se introduz no romance, em que a relação entre o tempo e espaço conceituam-se em uma forma de movimento único. Bakhtin (1998, p. 211) explica que:

No cronótopo artístico-literário ocorre a fusão dos indícios espaciais e temporais num todo compreensivo e concreto. Aqui o tempo condensa-se, comprime-se, torna-se artisticamente visível; o próprio espaço intensifica-se, penetra no movimento do tempo, do enredo e da história (BAKHTIN, 1998, p. 211).

O cronótopo narrativo nos embarca uma perspectiva visual por intervenção do (re)encantamento dos personagens em meio ao lugar e tempo em que se encontram. Na narrativa, “Muidinga acorda com a primeira claridade. Durante a noite, seu sono se estremunhara. Os escritos de Kindzu lhe começam a ocupar a fantasia” (COUTO, 2007, p. 48). Este relato acontece devido ao fato de que as conexões entre os dois tempos criam um diálogo que inicia na primeira camada e é concluído na segunda, outrora acontece o inverso, e que tal movimento observa as ligações entre tempo e espaço como elementos únicos, atuando de maneira sincronizada.

As possibilidades que tais elementos criam aos sonhos refletem na perspectiva de vida, motivando-os a entender o que acontece ao redor. Simas e Rufino (2020, p. 17) explicam que “o tempo engloba todos os acontecimentos passados que ligam o início das coisas ao presente” (SIMAS; RUFINO, 2020, p. 17), assim as conexões entre os espaços materiais e oníricos traçam uma rota em torno da mudança.

A narrativa passa a atribuir mudanças ao redor dos personagens, em que cada elemento possibilite o pensamento destes, principalmente Muidinga, em que os sonhos com os cadernos de Kindzu fizeram com ele percebesse que o ambiente já não era mais o mesmo do início. E ao notar o espaço em que se encontra, “Muidinga repara que a paisagem, em redor, está mudando suas feições. A terra continua seca mas já existem ralos capins sobras de cacimbo. Aquelas gotinhas são, para Muidinga,

um quase prenúncio de verdes” (COUTO, 2007, 49). A perspectiva de morte passa a dar lugar a um florescer do espaço, em que o verde vai aos poucos dando tons na estrada. Assim, a vida apresenta seus contornos em meio a morte, realçando a vitalidade do ambiente.

O realçar da vida de certo modo na narrativa estabelece um espaço de crítica através da desolação ocasionada pela guerra civil. Tuahir relembra o dia em que encontra Muidinga no campo de concentração ao lado de uma pilha de corpos. Pode-se dizer que é perceptível a luta do personagem em relação ao espaço ocupado pela ceifa da morte, em que afirmativo que a vida e a sua completude de resistir e de mudar tudo foi o que fez o garoto se agarrar as esperanças de uma mudança ao segurar com seus dedos o solo.

A narrativa nos mostra a partir de flashbacks como aconteceu tal momento em frente a luta em querer continuar sobrevivendo perante de tudo e de todos, assim:

Tuahir ajudou a arrastar os corpos para um buraco. Enquanto puxava pelas pernas frias se admirava daquele peso tão diminuto. Olhava os braços ondeantes como ramos ossudos, esqueletudos, quando reparou com espanto: os dedos de umas das crianças se cravaram no chão. Não havia dúvida, aqueles dedos se agarravam à vida, lutando contra o abismo [...] (COUTO, 2007, p. 52).

Tal contraste reflete como a política de vida se contrapõe a tudo que o colonialismo apresenta em sua composição, em que a vida se mostra resistente a todas forças contrárias, a luta travada faz com que as esperanças diante do espaço caótico se tornem inferiores as vontades de querer sobreviver, de manter a esperança viva mesmo que tudo se mostre contrária.

A vida como força matriz capaz de realizar mudanças na lógica crucial das coisas, de maneira que as pluralidades se desviam na presença da morte, e assim “[...] Muidinga despertava, fortalecido. Era uma criança a nascer, quase em estado de saúde. O velho se contenta: seus filhos já quase não deixavam memória. Sentia saudade de ser pai, era como se voltasse a ser jovem” (COUTO, 2007, p. 54). A força mostrada reflete o que Simas (2020, p. 28) nos apresenta, que “de um lado, é a morte física. Do outro, a morte simbólica da inclusão normativa, domesticada e impotente” (SIMAS, 2020, p. 28), e tal morte simbólica seria ao modo de como o personagem perpassou todo o estado caótico, resistindo a morte como fim, e reescrevendo o seu estado enquanto força de vida.



Após o lapso de tempo, a narrativa novamente retorna ao cronótopo de Kindzu em que o narrador personagem apresenta a sua chegada a Matimati, e logo na sua chegada, o jovem testemunhara uma situação anormal dos populares, em que “gentes imensas se concentravam na praia como se fossem destroços trazidos pelas ondas” (COUTO, 2007, p. 55), comparando a ação como se virassem sucatas tomadas pelo tempo, uma vez que tal agitação se dava pela espera da carga de um navio para suprimir a fome dos habitantes.

Neste ponto da narrativa já começam os movimentos contra a regência governo em Moçambique, uma vez que uma revolta perante a falta de condicionamento para a sobrevivência da população, de modo a se gerar uma tomada de ideia e movimentação social. Assim, na apresentação da edição brasileira revisada do livro *o desencantamento do mundo* (2021) do sociólogo francês Pierre Bourdieu, Elisa Klüger (2021, p. 17-18) apresenta como o anticolonialismo representou uma tomada política de transformação, explicando que:

[...] A luta anticolonial teria representado um momento de aquisição de consciência política e de gestação de aspirações de transformação social. Para muitos, em contrapartida, a longa guerra gerou mormente um sentimento difuso de ressentimento, desespero e desconexão, decorrente das mutilações de seus modos de vida (KLÜGER *apud* BOURDIEU, 2021, p. 17-18).

A forma de como a vida é ministrada nos faz remeter ao modo de como a situação colonial portuguesa deixou marcas nestes territórios. A sangrenta guerra anticolonial moçambicana acabou deixando o país em um verdadeiro colapso, o modo de como a população acabara sendo tratada pelo governo é perceptível no romance por meio dos espaços como forma de criticar aos governos autoritários e as marcas profundas deixadas na sociedade. O que se percebe na chegada de Kindzu é a forma de como a região é administrada de forma precária, relatando que:

[...] A situação só piorou pois, consoante o secretário do administrador, a população não se comporta civilmente na presença da fome. Muita gente insistia agora em voltar ao tal navio pois lá sobrava comida que daria para salvar filhos, mães e uma africanidade de parentes (COUTO, 2007, p. 57).

Assim, como consequência da miserável condição existente, os habitantes praticavam saques aos navios que encalhavam, devido a não ter outra saída se não ser esta, dessa forma, afirma-se que “a gerência de uma vida praticada em conexões

plurais por uma perspectiva contrária à diversidade produz o desencanto: perda de vitalidade, que reifica as raízes mais profundas do colonialismo” (SIMAS; RUFINO, 2020, p. 6). E por meio da pluralidade é que se afirma a luta da vida contra a morte, percebendo que tais espaços destacam este movimento pela sobrevivência afim de restaurar a potência pela a força da vida.

E diante dos pedidos para que Kindzu não parasse seu barco naquele local, o jovem pergunta a ex-secretário Assane sobre a existência dos guerreiros naparamas, que lhe responde que só existem no interior de Moçambique, pois “em Matimati apenas se ouvia falar dos seus feitos, suas bravuras” (COUTO, 2007, p. 58), e então o ex-secretário ajuda com mantimentos para que Kindzu pudesse sair dali o quanto antes, para que não acabasse sendo preso como aconteceu com Assane.

É observado como estas passagens permitem que a narrativa se amplie em meio de certos fatos históricos atrelados a perspectiva animista que se instauram na obra. A ação que o espaço e tempo produzem é perceptível a partir de que os deslocamentos gerados nas leituras dos cadernos de Kindzu possibilitam o trajeto para o reencontro de Muidinga com o seu sonho em poder reviver suas memórias perdidas.

Para Bakthin (1998, p. 242) o movimento gerado no romance seja paralelo ao espaço real, assim, afirma-se que “a concretude do cronótopo da estrada permite que se desenvolva amplamente nele a vida corrente. Entretanto, essa vida corrente desenrola-se, por assim dizer, à parte da estrada, nos seus caminhos laterais” (BAKTHIN, 1998, p. 242), e de fato o que se apresenta na obra de Mia Couto é soma de percursos em torno da guerra civil que ocorrera em Moçambique no final da década de 1970, em que os espaços da obra literária seria a outra voz deste cronótopo.

Os espaços se entrecruzam com os olhares místicos e culturais da narrativa de Kindzu, uma vez que o personagem parte da cidade a noite após participar de um festejo, acaba sendo pego por uma tempestade, e durante o acontecido ele passa a ser guiado para um navio cargueiro com o auxílio de um anão, sendo que este personagem que o ajuda só é visto pelo jovem sem ele perceber, e acabam chegando a embarcação.

Nesta chegada, Kindzu pressente algo diferente no lugar, de forma que “aquele barco estava espiritado, guardando contra intrusos. Ou era mais uma vez serviço de meu pai, me mostrando que não me oferecia trégua? [...]” (COUTO. 2007, p. 61), o

jogo ilusório parte das reações e sentimentos sentidos no espaço físico, e quando elementos oníricos se mesclam a realidade acontece uma troca de ideias a partir das observações diante o espaço adentrado.

Sidarta Ribeiro (2019, p. 15) explica que “a interpretação de um sonho pressupõe a compreensão profunda do contexto real e emocional do próprio sonhador, e pode ser extremamente transformadora” (RIBEIRO, 2019, p. 15), uma vez que tal assimilação decorre o sentido real e emocional das coisas, o onírico é capaz de quebrar barreiras da narrativa através da observação dos personagens dentro de cada espaço-tempo produz uma ideia a ser refletida.

O jogo entre os elementos sonoros e as cores dos ambientes produzem uma relação de dualidade a partir do sentido do que é real e o que é imaginário na narrativa, e “de repente, a âncora tombou com enorme estrondo. Por momento me pareceu que, em seu lugar, jazia estendido um corpo humano [...]” (COUTO, 2007, p. 61-62). Assim, por meio da utilização de palavras, reflete-se o estado no qual o espaço é descrito na narrativa, levando o imaginário a reescrever o ambiente descrito.

As percepções espaciais que o personagem descreve o lugar faz com que tal aprofundamento crie um clima no enredo, e no momento em que percebe que ali se encontrava uma mulher, que mais a frente no romance esta personagem se apresentaria como Farida, e assim Kindzu detalha que “no princípio, era só um vulto no meio das cordas. Seria mais um fantasma? Depois, seu rosto apareceu mais claro. [...] Me cheguei mais, espreitando na penumbra. A lua me ajudava, enxotando as brumas” (COUTO, 2007, p. 62). A ideia de que o espaço e tempo auxiliam a narrativa a formular através da ideia de encanto que atravessa toda a penumbra, em que o luar seria capaz de iluminar o ambiente de forma que tudo se tornasse harmonioso.

Assim, o cronótopo perpassa a ideia de que ações transmutam as ideias nos quais o personagem Kindzu apresenta no seu diário. Bakhtin (1998, p. 214) explica que “a ação do enredo se desenrola num fundo geográfico amplo e variado” (BAKHTIN, 1998, p. 214), e que tal movimento conduz a enxergar maneiras de como o encanto quebra a barreira entre vida e morte, real ou imaginário. O que passa entre as dimensões da narrativa é que de forma isolada, os dois núcleos interagem a medida em que se desenrolam suas conexões.

A exploração do ambiente narrativo percorre um olhar em busca de mudanças de perspectivas da realidade. O percurso de vida na obra atravessa as conexões dos

cronótopos e se entrelaçam entre os diálogos presentes nos dois campos narratológicos. A guerra que trafega os tempos e espaços na obra produz uma situação de deslocamento social, retirando o valor no qual a vida apresenta.

A estrada que desloca não somente os personagens mediante os espaços físicos, mas sim por via dos seus sonhos em encontrar um lugar longe de todo o sofrimento e horror que a guerra traz consigo. O vislumbre da morte na estrada é que assegura a sobrevivência de todo aquele território, pois “enquanto a guerra não terminasse era mesmo melhor que nenhuma pessoa estradeasse por ali” (COUTO, 2007, p. 63). A variação da palavra “estrada” em verbo faz uma reflexão a partir do título do primeiro capítulo, em que a vida começou a transformar todo o lugar, e neste ponto, a narrativa mostra a jogada através de toda a transfiguração observada pelo personagem Muidinga:

De fato, a única coisa que acontece é a consecutiva mudança da paisagem. Mas só Muidinga vê essas mudanças. Tuahir diz que são miragens, frutos do desejo seu companheiro. Quem sabe essas visões eram resultado de tanto se confinarem ao mesmo refúgio. Por isso ele queria uma vez mais partir, tentar descobrir nem sabia o quê, uma réstia de esperança, uma saída daquele cerco (COUTO, 2007, p. 63).

O olhar do jovem percorre o sentido real das coisas devido ao fato de conseguir estender o sentido concreto e enxergar os pequenos vislumbres e encantos do lugar. Por isso que Bakhtin (1998, p. 349) explica que o cronótopo é um elemento capaz de determinar o valor artístico literário, em que cada elemento produz um sentido apto de encantar e criar esperanças dentro da narrativa.

Assim, a estrada liga os dois pontos dos olhares dos personagens, em que a permanência destes fazem com que seja possível ficar próximo do veículo e manter os salvos de certos perigos. E dessa maneira, os espaços da estrada morta do primeiro capítulo produz uma ideia de segurança para aquelas vidas, que criam esperanças para que um dia consigam sair daquela guerra que abala todos os espaços-tempos.

Ao se afastar da estrada, os dois acabam percorrendo um território próximo as savanas e caem em uma armadilha, e com o passar do tempo, ao acordar os personagens são encontrados por um homem idoso chamado de Siqueleto, que os captura e os leva para a sua casa. Chegando lá o idoso os mantém presos e lhes contam que era o último a permanecer na aldeia.

Em virtude do claustro da rede que os prende, os dois tentam de toda forma a convencer de serem libertos, e notam que o homem aparentava estar triste, mas o mesmo afirma estar cansado, e “para ele só havia uma maneira de ganhar aquela guerra: era ficar vivo, teimando no mesmo lugar” (COUTO, 2007, p. 66). Nesta perspectiva, “o mundo nela representado penetram no mundo real enriquecendo-o, [...] tanto no processo da sua criação como no processo subsequente da vida, numa constante renovação da obra e numa percepção criativa dos ouvintes-leitores” (BAKHTIN, 1998, p. 358), a permanência do indivíduo mostra como tal espaço lhe concede as memórias dos antepassados, mesmo que ao longe a guerra descarrilha seus sons, é através do (re)encanto que acontece a mudança perante todo o trágico ambiente marcado pelos conflitos.

Então Tuahir mostra um futuro ao velho Siqueleto, Muidinga deduz que “não é a estória que o fascina mas a alma que está nela” (COUTO, 2007, p. 67), possibilitando a tomada de conhecimento mediante o que o que acontece no lugar, pois Pierre Bourdieu (2021, p. 56) reflete que “o futuro é um nada e seria tão vão tentar agarrar a um nada que não nos pertence” (BOURDIEU, 2021, p. 56), e assim a realidade que marca e que transforma o olhar dos homens sobre a perspectiva de futuro, e ao dizer que “não inventaram ainda uma pólvora suave, maneirosa, capaz de explodir os homens sem lhes matar. Uma pólvora que, em avessos serviços, gerasse mais vida [...]” (COUTO, 2007, p. 67-68) é captado o florescer de pensamento da criança em torno da sua realidade, em as perspectivas moldadas a partir do sonho trazem uma leveza nas palavras da criança, mas não a afasta da sua realidade.

A maturidade que o próprio se segura diante do aprisionamento em que passa a escrever o seu nome no chão através de um buraco na rede, fazendo com que o velho Siqueleto se encantasse pelos movimentos daquelas marcas no chão. Nessa ação é concebível que “a matéria do sonho são as memórias, ninguém sonha sem ter vivido” (RIBEIRO, 2019, p. 17), e ao pedir para que Muidinga transcrevesse o seu nome em uma grande árvore, e ao fazer o pedido, Siqueleto fala que “a aldeia vai continuar, já meu nome está no sangue da árvore” (COUTO, 2019, p. 69), e sonho transpassará o tempo e o espaço, fazendo com que o ato se torne resistente a toda forma de morte, renascendo na forma de uma árvore.

Desta forma, os sonhos partem de uma construção de memórias, relacionados a partir das vivências de cada pessoa, em que seja possível perceber que “[...] o sonho

é um tobogã de afetos em tons gritantes de vida e morte, prazer e dor nos extremos desejantes” (RIBEIRO, 2019, p. 18). Assim, é necessário identificar como tais relações partem para a construção do espaço, de modo que o onírico age como fonte de mudança capaz de romper as dificuldades da vida em busca de um espaço-tempo melhor no qual as relações humanas partem de pensamento de tornar a vida como fonte de renovação.

### **3 O SONHO COMO POSSIBILIDADE ANTICOLONIAL EM *TERRA SONÂMBULA***

O sonho é um elemento capaz de conduzir pensamentos que possibilitem um olhar que altera a realidade a fim de fornecer segurança diante do aprisionamento de ideias e desejos, em que seja possível reestruturar a realidade através das mensagens do mundo onírico, quebrando paradigmas e conseguindo fazer com que determinados olhares sejam modificados mediante as escolhas feitas para a construção da narrativa.

A obra literária vai de encontro com o tempo e espaço da realidade, por dentro dos fatos históricos e do imaginário, sendo eficiente de tornar o real mais realístico que a própria realidade. Os contextos anticoloniais trabalhados diante dos espaços-tempos de *Terra Sonâmbula* produzem uma possibilidade no qual o leitor se aproxima do enredo pelo meio do fio condutor onírico como elemento anticolonial, enfrentando os conflitos de maneira a serem vistos por intermédio de outras perspectivas.

Os questionamentos colocados fazem entender que o sentido no qual a obra de Mia Couto nos leva se dá pelas transições e dos diálogos no decorrer do cronótopo, uma vez que a relação entre o espaço e o tempo permite que obra possa trafegar com os elementos entre o passado e o futuro da narrativa. Assim, é possível constatar a condição anticolonial, tais elementos estabelecem e descrevem como se faz possível a construção de outra vida possível, em o que o sonho não se separa da realidade, mas reescreve os caminhos da existência por intervenção do (re)encanto.

Pensando nisso, nesta seção perceberemos como o romance apresenta os aspectos ancestrais enquanto forças capazes de transformar as perspectivas de (re)encantamento via cronótopo à medida em que as suas conexões atravessam a narrativa modificando as noções de tempo e espaço lineares e ocidentais. Nesta

perspectiva, indo além da causalidade, a obra em suas múltiplas fronteiras criam uma amplitude à frente do pós-guerra e ruínas ali elaborados.

O tempo-espaço narrativo estabelece um diálogo possível de ligar os acontecimentos através dos encontros oníricos nos quais as duas linhas narrativas permeiam e se entrecruzam em um liame tênue capaz de costurar os diálogos existentes nos dois planos. Para Simas e Rufino (2020, p. 18) o tempo é instruído de aproximar os seres por artifício de uma experiência única, por isso é possível dizer que:

Alargar o tempo é ir além das aparências e compreender os pluriversos dos seres e suas conexões. Tal compreensão é um alicerce para a experiência comunitária e um meio para intervir em caso de ameaça a ela, bem longe de eruditismos exibicionistas ou especulações inférteis, incapazes de se traduzir em ações responsáveis que elaborem táticas capazes de construir politicamente a vida (SIMAS; RUFINO, 2020, p. 18).

Identificando a possibilidade em que o tempo narrativo se estabelece de maneira não linear, especialmente quando examinamos o âmbito onírico, uma vez que os sentidos não se estabelecem de maneira instrumental. Assim, é possível interferir a fluidez e complexidade de tal categoria, sendo moldada a partir das sensações de cada espaço. É perceptível que em *Terra Sonâmbula*, o espaço-tempo real e o onírico enquanto vias que trafegam em meio ao conceito e da prática anticoloniais, afirmando a vida na presença dos diferentes finais e recomeços. A guerra civil e a guerra por libertação em Moçambique não se estendem nas pluralidades de formas de ser e estar, havendo respiros e fugas produtivas para a vida seja gerada e celebrada.

É possível dizer que a partir de um olhar anticolonial, as construções que o cronótopo difundem na narrativa, perante ao estado do sonho, libertam a ideia em face da linha dicotômica entre a vida e a morte, construindo um olhar voltado ao encantamento e mistério, lugar do esperar a partir de outra percepção sobre o mundo, transformando a realidade pela via da leitura de outros tempos e espaços a serem sentidos e habitados.

Nosso olhar parte da compreensão de que os espaços-tempos incorporam perspectivas de (re)encantamento. Os diálogos das diferentes camadas do romance conduzem o leitor por outros ângulos da guerra de independência. O primeiro tópico

constitui uma leitura sobre a configuração do cronótopo e a elaboração da visão anticolonial na narrativa, ressignificando as ambientações do enredo, por exemplo.

Na segunda parte desta seção, desenvolvemos um estudo voltado às maneiras de vida e sua relação com o (re)encantamento, sendo pela criação onírica que a luta contra o neocolonialismo é alimentada. Por via dos espaços nos quais as personagens se encontram com os diversos tempos e com os sonhos, entendemos que essa construção é capaz de mudar a percepção sobre o mundo dentro do romance de Mia Couto.

Em resumo, a ideia estabelecida aqui surge do sonho como elemento capaz de explicar a forma em que a narrativa nos passa o (re)encanto perante de todo o turbulento cronótopo de guerra, percebendo que tais espaços-tempos catastróficos e caóticos levam a compreender o papel transformador dos sonhos, permitindo tecer a vida para diferentes caminhos.

### **3.1 A construção dos espaços-tempos diante das perspectivas anticoloniais**

Por efeito dos levantamentos que a obra de Mia Couto apresenta, os espaços-tempos dialogam através de conexões com a nossa realidade. Suas palavras criam uma perspectiva distinta das colonialidades diversas que perfazem a nossa visão de mundo. A compreensão se constrói por meio de um olhar capaz de aproximar o leitor para a história narrada à vista das concepções que se unem às estórias e aos elementos animistas.

Através de idas e vindas no texto, em outras palavras, a partir de suas voltas, é possível dizer que a relação tempo e espaço na narrativa encena os movimentos (in)visíveis da existência, não se fixando em uma linearidade. O passado, o presente e o futuro se tocam para responder demandas da vida, gerando interpretações sobre o cotidiano. Os diálogos e os encontros entre os personagens também enriquecem a forma em que os elementos reais se atrelam aos ficcionais.

Ao pensar no contexto literário, em *Exceção Atlântica*, Roberto Vecchi (2010, p. 126-127) explica que a existência de uma literatura sobre a guerra colonial evidencia pontos de tensão entre o campo real e o ficcional, bem como as próprias definições de realidade e ficção são repensadas. Sendo assim, as extensões criadas



a partir desse confronto produzem um testemunho, uma das formas principais das poéticas do pós-modernismo, para utilizarmos a denominação dada por Linda Hutcheon (1991). Pensando nisso, temos:

A existência de uma literatura da guerra colonial, põe a nu, de um ponto de vista literário, a forte tensão existente entre literatura como mentira e ficção, tal como tendemos a concebê-la actualmente em chave pós-moderna, e uma literatura marcada por uma forte carga testemunhal, uma literatura-verdade que em algumas circunstâncias [...] somos obrigados a enfrentar (VECCHI, 2010, p. 126-127).

Se pensarmos a obra literária e o seu diálogo via cronótopo com os acontecimentos históricos, captamos diferentes olhares da realidade da guerra de independência, uma vez que estes personagens situados em diferentes pontos de tempo, suscitam percepções singulares que produzem as reconstruções dos fatos dentro da obra literária, preparando o leitor para escutar diferentes discursos sobre um mesmo conflito.

Através das diversas vozes na narrativa, é observado que durante o seu encontro com Kindzu, a personagem Farida lhe conta a sua história, desde de quando vivia com sua mãe na sua antiga aldeia até o momento que as exilaram as duas por estarem amaldiçoadas perante as antigas tradições. Em um certo ponto a personagem acaba ficando órfã e parte da aldeia e desmaia no caminho, e neste ponto fora encontrada pela personagem de Dona Virgínia, esposa do português Romão Pinto.

Em um dos diálogos entre Dona Virgínia e Farida a respeito do antigo sistema colonial daquela terra, em que a senhora retrata o seu sentimento em relação ao lugar: “[...] Porque a visão daquela terra, em tais desmandados maus-tratos, era um espinho de sangrar seus todos corações” (COUTO, 2007, p. 74), de maneira a que a lembrança de se sentir livre possibilitava a personagem a reimaginar a sua liberdade longe dali, em que por meio de sua descrição inferimos um posicionamento contrário ao sistema colonial e sua barbárie, em que o resquício de humanidade fazia com que ela se colocasse no lugar da dor do outro em relação a que sentia.

A narrativa possibilita perceber que por meio dos devaneios da personagem de Dona Virgínia, ela restabelece uma idealização de um lugar, em que então “sorria, alegre desse mais tarde, consoante o sonhado. Ficava na janela olhando o país que inexistia, desenhado em geografia da saudade” (COUTO, 2007, p. 75). Ao criar esta

memória, atinge-se o querer em estabelecer a liberdade em torno daquele território, em que onírico cria campos geográficos que não delimitem os seus espaços, em que a infinitude do onírico se materialize por meio das suas pseudo lembranças.

As suas tentativas de se manter em uma realidade imaginada fazem com que a personagem consiga cultivar um espaço-tempo em que jamais esteve alcançado por intermédio da fuga dos ruídos da guerra. Isso perfaz um estado possível de liberdade. A forma em que o cronótopo tenta driblar a experiência de sofrimento e morte mediante da vontade de vida e encantamento, traz a necessidade de Dona Virgínia recriar um mundo cuja felicidade se faz presente em meio às lembranças dos parentes e de uma época em que a mesma jamais viveu.

A recriação da memória na obra literária proporciona reformular percepções em torno da realidade no qual aqueles espaços-tempos se liguem a possibilidade de fuga em frente ao caos, em que “[...] o prevalecer contemporâneo na nossa modernidade do instante em relação à duração, num certo sentido extremado pela civilização e que se estrutura sempre como uma falsa máquina de memória” (VECCHI, 2010, p. 126), reelaborando lembranças que não machuquem ao recordar. Assim, a memória consegue recriar a forma das nossas vivências em nossos sonhos, reconstruindo refúgios dentro do caos fabricado pela guerra.

Ao imaginarmos a forma em que se estabelecem os pensamentos e de como a guerra impacta na compreensão do sentido da vida perante o sistema de morte e desgaste social. A narrativa representa o estado intervalar e espiralar da existência, a partir do momento em que essa tomada de consciência acontece, percebe-se um contínuo entre o que é vida e o que é morte.

As memórias de guerra que Farida e Kindzu compartilham, provocam um diálogo no decurso da suspensão daquela realidade. A construção literária em torno da guerra leva consigo um olhar à vista da ruptura com o real conflituoso, e através do sonho de encontrar um espaço-tempo mais tranquilo com base em seus ideais de convívio e futuro em sociedade.

No momento em que Farida conversa com Irmã Lúcia, ela esclarece que “uma coisa a guerra faz acontecer: tudo se vai tornando verdade. Está-se pisando a fronteira, morte e vida nos trocáveis lados de um mesmo risco” (COUTO, 2007, p. 80). A partir das idas e vindas de tempos-espaços no romance, os diálogos constituem uma visão do lugar por meio das transformações ocorridas, neles as percepções se

abrem ao longo da narrativa perante o sentido material entre o que é estar vivo ou morto.

No espaço-tempo em que Kindzu e Farida se encontram percebe-se como o encantamento é capaz de produzir um olhar mais aguçado a respeito do papel ancestral que ambos levam nos seus caminhos à frente de seus sonhos, provocando um olhar profundo acerca de suas responsabilidades diante do meio em que se encontram.

Nesta perspectiva, em um dos momentos de Farida com Kindzu, há o jogo ancestral em sua fala. O papel místico na narrativa é também processo de um retrato onírico em face dos diferentes núcleos que demarcam os espaços-tempos do romance. Assim, a personagem se apresenta como sendo uma *xipoco*<sup>1</sup> e descreve para Kindzu o papel dos fantasmas através de um diálogo traçado pela ancestralidade, como podemos ler:

Nós somos sombras no teu mundo, tu jamais nos tinha escutado. É porque vivemos do outro lado da terra, como o bicho que mora dentro do fruto. Tu estás do lado de fora da casca. Eu já te tinha visto desse outro lado, mas as tuas linhas eram de água, teu rosto era cacimbo. Fui eu que te trouxe, fui eu que te chamei. Quando queremos que vocês, os da luz, venham até nós, espetamos uma semente no teto do mundo. Tu foste um que semeámos, nasceste da nossa vontade. Eu sabia que vinhas. Te esperava Kindzu (COUTO, 2007, p. 83).

As relações ancestrais atravessam os campos culturais e alimentam a vitalidade, tornando a existência um ciclo capaz de romper com a morte física e transpassar a barreira da racionalidade e escrever uma perspectiva encantada. O estado de pós-vida retrata o (re)encanto como consequência do rompimento da linha cronológica das coisas. A elaboração onírica é o que movimenta os espaços-tempos da narrativa, através da força ancestral novos caminhos são traçados.

A ruptura da percepção linear de mundo que o texto literário traz, permite outro sentido de vida, o do fluir em liberdade, bem como de vinculações possíveis entre aspectos que julgamos desconectados. Ao longo do movimento anticolonial no romance, que se faz capaz de ampliar ideias e sentidos, há uma sobreposição de espaços-tempos a partir do sonho, isso recria a realidade por meio da pluralidade de formas de viver e sentir.

---

<sup>1</sup> Os *xipocos* para a cultura moçambicana são a representação de seres sobrenaturais que estariam equivalentes ao sentido representativo dos fantasmas nas culturas ocidentais.

Quando Muidinga volta a pensar na partida de Siqueleto e se pergunta sobre o próprio desfecho, ele entende que “a gente vai chegando à morte como um rio desencorpa no mar: uma parte está nascendo e, simultânea, a outra já se assombra no sem-fim” (COUTO, 2007, p. 84). Este pensamento provoca um olhar acerca dos caminhos que nos leva em vida, a metáfora utilizada em relação ao percurso do rio até o mar se materializa na forma cíclica e total da vida, em que a morte é o caminho para um outro espaço-tempo também dentro do real.

Os diálogos contornam a narrativa com a finalidade de restabelecer a vontade de vida entre os personagens. Para Luiz Rufino (2019, p. 67-68) a vida se transforma em morte ao mesmo tempo em que a morte pode virar vida. As concepções não se firmam em um único caminho, elas se reescrevem o tempo todo. O pensamento em torno da essência da memória enquanto resistência à colonização, capacita a mudança do espaço-tempo presente.

Durante o trajeto os personagens encontram Nhamataca, um antigo colega de Tuahir dos tempos coloniais, o personagem explica que estava abrindo passagem para um rio em que “as águas haveriam de nutrir as muitas sedes, confeitar peixes e terras. Por ali viajariam esperanças, incumpridos sonhos. E seria o parto da terra, do lugar onde os homens guardariam, de novo, suas vidas” (COUTO, 2007, p. 85-86). Assim como o rio, os sonhos cortam caminhos pelo (in)consciente nutrindo-a, possibilitando que a renovação possa se dar mesmo perante a morte, e não mais caracterizando-se como o fim total, pois assim como o rio, a vida é segue em frente e adentra em espaços e tempos sem limites.

Percebe-se então que os sonhos são aptos de amenizar e às vezes barrar as atrocidades da guerra. A vida se recria e se metamorfoseia, fluindo e escapando como um rio, como explica a narrativa: “[...] suas águas serviriam de fronteira para a guerra. [...] A morte ficaria confinada ao outro lado. O rio limparia a terra, cariciando as suas feridas” (COUTO, 2007, p. 86). O papel do rio como ser vivo ativo interliga-se novamente ao sentido da obra, em que os espaços-tempos são seres que se movimentam recriando constantemente a vida.

Após a morte do personagem Nhamataca, é percebível que através de Muidinga que “olha a paisagem e pensa. Morreu um homem que sonhava, a terra está triste como uma viúva” (COUTO, 2007, p. 89), a narrativa aborda a questão do futuro por meio do passado, o devir que vem da memória de um passado mais justo.

Constatamos então como o sonho é essencial para a vida, de tal modo capta-se que a partir do momento em que avançamos na interação entre Farida e Kindzu, identificamos a construção entre a memória e o futuro, pois:

A nossa memória se povoava de fantasmas da nossa aldeia. Esses fantasmas nos falavam em nossas línguas indígenas. Mas nós já só sabíamos sonhar em português. E já não havia aldeias no desenho do nosso futuro [...] Farida queria sair de África, eu queria encontrar um outro continente dentro de África [...] (COUTO, 2007, p. 92-93).

As diferentes percepções dialogam com as mudanças nos cronótopos, em que o sonho mesmo que seja colonizado, ele amplia as possibilidades de fugas, construindo pontes e rios para que a vida se estabeleça sem barreiras que impeçam de prosseguir o caminho. E a partir disso acontece o (re)encanto, que quebra os obstáculos do colonialismo e modifica espaços e tempos afora, permitindo que o personagem Muidinga seja capaz de refletir sobre isso:

À volta do machimbombo Muidinga quase já não reconhece nada. A paisagem prossegue suas infatigáveis mudanças. Será que a terra, ela sozinha, deambula em errâncias? De uma coisa Muidinga está certo: não é o arruinado autocarro que se desloca. Outra certeza ele tem: nem sempre a estrada se movimenta. Apenas de cada vez que ele lê os cadernos de Kindzu (COUTO, 2007, p. 99).

As mudanças que movimentam as ideias, e que convertem os tempos e espaços desolados, são produzidas a partir dos sonhos compartilhados pelos personagens através das leituras dos cadernos de Kindzu. A aproximação em meio aos recantos causa um florescer de esperança na narrativa. O olhar de Muidinga transforma o real a partir do elo entre o personagem e suas idealizações políticas dentro do romance, pois é por ele que acontece o (re)encantamento na obra.

As ligações que a obra apresenta potencializam o olhar em torno da vida e as suas possibilidades de mutação pelo encanto. As concepções que a narrativa traz por intermédio dos personagens em relação ao mundo faz com que o leitor enxergue que em frente a morte há vida, e que os ciclos são contínuos e interligados.

O que Luiz Rufino (2019, p. 68) aborda em *Pedagogia da encruzilhada* mostra que “enquanto a vida se inscreve como possibilidade, cíclica e continuidade pelos ritos, a concepção de morte se inscreve como a dimensão do esquecimento, do desencanto” (RUFINO, 2019, p. 68). E o esquecer da morte acontece a partir do

momento em que se apresenta a vida em face das variações de discenimentos em que os personagens transpassam no decorrer da narrativa. Através de Muidinga os espaços que antes eram mortos se revitalizam, assim:

Por onde seguia o moço os capins se infindavam, num moçambique de verdes. Os olhos de Muidinga se meninam a ver as árvores. Em redor, já nada faz recordar a savana empobrecida. Agora a floresta floresce. Os caminhos com a guerra se desabitaram de servir (COUTO, 2007, p. 99-100).

As noções que guiam as narrativas dentro da narrativa são o que faz o movimento anticolonial ir surgindo na trama. Os elementos encontrados ao longo do trajeto de Muidinga em torno do machimbombo que antes marcavam o espaço de extermínio, afinal “naquele lugar, a guerra tinha morto a estrada” (COUTO, 2007, p. 9), agora floresce defronte do amplo espaço-tempo. Tais oscilações se contrastam ao plano narrado nos cadernos de Kindzu, uma vez que a guerra *sonorifica* o seu caminhar.

A partir do ponto em que Farida pergunta sobre o fim da guerra, entende-se que o conflito vai muito além do espaço-tempo físico, transpassando as barreiras e adentrando a consciência humana; respondendo a personagem: “[...] Pode acabar no país, Kindzu. Mas para nós, dentro de nós essa guerra nunca mais vai terminar.” (COUTO, 2007, p. 104). Tal fala é uma imagem da política de morte em que agora já compõe o corpo, a subjetividade e os afetos dos personagens, isso também rege a vida.

Nesse ápice é percebível como Kindzu procura não pensar apenas naquele conflito, fazendo com que o instante não lhe definisse ou limitasse, e ao mesmo tempo a narrativa vai mostrando ao leitor que os cadernos refletem o que acontecia a partir do cronótopo criado:

De quando em enquanto se escutavam tiros, rajadas de metralhadora. Já nem nos alarmávamos. Lá fora havia o matraquear da morte, lamentos de vidas que se apagavam. Para nós, porém, aquele ruído era já parte da paisagem (COUTO, 2007, p. 111).

Tal descrição mostra como o (re)encanto torna possível a realidade, gerando uma fuga em virtude de todo o horror, nas próprias palavras de Kindzu, o personagem explica que “[...] são os nossos olhos que fazem o belo [...]” (COUTO, 2007, p. 104),

que transfigura a realidade, tornando possível viver mesmo que o mundo esteja em ruína ao redor. Importante frisar que não se trata de romantizar o sofrimento e a miséria, mas procurar instâncias de produção de vida, de melhorias e dignidade.

O romance constrói o seu olhar anticolonial a partir do (re)encanto, pois “a morte, afinal, é uma corda que nos amarra as veias. O nó está lá desde que nascemos. O tempo vai esticando as pontas da corda, nos estancando pouco a pouco” (COUTO, 2007, p. 121). O tempo e o espaço se convergem a partir das percepções em torno da vida, moldando a partir do seu ressurgimento em meio ao caos.

Em companhia disso, vem a pergunta de Luiz Rufino (2019, p. 69) em *Pedagogia da encruzilhada*: “[...] como combater o desperdício, a escassez e o desencante propagado por um regime contrário à vida? [...]” (RUFINO, 2019, p. 69). Como fazer o encanto trafegar entre morte e florescer as ideias à frente de um futuro? A construção do romance nos mostra que o sonho é uma das possibilidades, sendo capaz de transmutar a realidade e abrir para alternativas capazes de ainda estabelecer vida.

O enredo nos apresenta que os personagens idealizaram uma mudança através dos cadernos, em que “os escritos de Kindzu traziam ao jovem uma memória emprestada sobre esses impossíveis dias. Ao menos ele acreditasse tudo aquilo ser fantasia, estoriuzinha que se conta para fazer de conta” (COUTO, 2007, p. 126). A ironia em que Mia Couto desenvolve na perspectiva do personagem de Tuahir faz como aquela realidade dos escritos se mescla aos desejos de Muidinga, em que os seus sonhos se reescrevem a cada leitura dos cadernos. Nesta perspectiva, o processo de ressignificação do cronótopo se torna possível perante o sonho, encantado a partir da construção de um futuro moldado pela busca de um passado que possibilite o presente.

Portanto, é através do sonho que acontecem as aproximações com as perspectivas anticoloniais de mundo, que desconstruem os espaços-tempos, abrindo-os a diferentes caminhos do compartilhamento de sonhos às práticas tendo em vista as melhorias. O florescer da vida vai realizando diversos contornos e tramas, a partir dessa tecelagem da vida é que se fazem os caminhos para o (re)encantamento do mundo.

### 3.2 A tecelagem da vida através do (re)encantamento do mundo

Os caminhos feitos pelos sonhos possibilitam enxergarmos dentro da narrativa uma reconfiguração em torno de um mundo possível. Ao adentrar as camadas da narrativa, as conexões em torno da reconstrução dos elementos do cronótopo capacitam a não linearidade do romance, costurando as aberturas e tecendo frestas para que a vida sutilmente recomece.

As compreensões mediante a resistência anticolonial na narrativa são perceptíveis a partir do momento em que o sonho viabiliza a condução do enredo, cujo espaço-tempo é moldado através do olhar em torno da esperança. Assim, o processo anticolonial em *Terra Sonâmbula* (2007) é delineado para modificar o olhar sobre a realidade.

Nesse sentido, se as modificações do cronótopo acontecem por instrumento das ações dos sonhos como agentes de idealizações anticoloniais, Luiz Rufino (2019, p. 17) apresenta que o programa colonial buscou controlar corpos e mentes, nessas formas são pautadas as complexidades das dimensões produzidas em meio a vida, sendo assim:

Aquilo que a agenda colonial buscou produzir como um sistema de controle da vida, a partir de uma ordem pautada nos binarismos, acarretando a redução das complexidades, é fragilmente salientado por uma leitura a partir da gramática poética das encruzilhadas (RUFINO, 2019, p. 17).

Pensando nisso, do controle da vida parte a reconfiguração dos conceitos duais existentes. No momento em que a construção dos elementos anticoloniais atravessa a leitura da obra, é possível constatar a realidade viabilizando a reestruturação de sentidos em torno da vida, em que o (re)encanto altera o olhar e percebe as encruzilhadas de tempos, espaços e vivências.

No oitavo capítulo do texto literário, “o suspiro dos comboios”, os diálogos de Tuahir e Muidinga em torno da estrada, tornam-se nítidos que os compartilhamentos dos sonhos com os cadernos os levando a entender a transfiguração daquela terra. Assim o velho confessa ao garoto que “não somos nós que estamos a andar. É a estrada” (COUTO, 2007, p. 137). Nesta perspectiva acontece a mudança, se outrora o espaço da estrada era considerado morto, agora ela é dotada de vida, é por essa



metamorfose que a narrativa começa o seu florescimento através do espaço onírico, atravessando os infinitos tempos para responder seus questionamentos.

No romance, pelo processo das transformações dos ambientes aos arredores do veículo acarretou o surgimento do (re)encantamento em torno da vida, modificadas com o auxílio das leituras dos cadernos de Kindzu, no momento em que Muidinga começa a compreender o que se passa no lugar. Assim, o encantamento possibilita a perspectiva anticolonial sobressair na narrativa. O que é a vida se não a sucessão de sonhos capazes de quebrar a barreira do espaço e tempo? Através dos sonhos observa-se o estimular do cronótopo em seus cruzamentos repletos de diálogos.

As conexões entre tempo e espaço causam uma expansão dos pensamentos e sonhos na narrativa e “tudo acontecera na vizinhança do autocarro. Era o país que desfilava por ali, sonhambulante. [...] Tudo o que se passara tinha sucedido em plena estrada” (COUTO, 2007, p. 137). As modificações e o jogo entre repouso e o agitar, convertem o cronótopo e atravessam os sentidos em torno da estrada que também é um rio no tempo dos sonhos.

As mutações sobre o que gira em torno dos personagens são representações do encantamento do mundo que faz repensar a política na obra. Nos seus espaços-tempos, através das práticas que convertem o pensamento sobre os direitos e as condições melhores para viver, Simas e Rufino (2020, p. 9) nos mostram que o encantamento tem a capacidade de reorganizar as lógicas em meio a construção da vida, contornando as barreiras e moldando o sentido ao encanto. Assim:

[...] O encantamento dribla e enfeitiça as lógicas que querem apreender a vida em um único modelo, quase sempre ligado a um senso produtivista e utilitário. Daí o encanto ser uma pulsação que rasga o humano para lhe transformar em bicho, vento, olho d'água, pedra de rio e grão de areia. O encanto pluraliza o ser, o descentraliza, o evidenciando como algo que jamais será total, mas sim ecológico e inacabado (SIMAS; RUFINO, 2020, p. 9).

Ao longo do encanto que acontecem o restabelecer da vida, em que a centralidade das mudanças tornam capazes de driblar o estado de morte. Por isso o movimento que a narrativa traz: “[...] Nesse machimbombo parado nós não paramos de viajar [...]” (COUTO, 2007, p. 137). Entende-se que o cronótopo foi capaz de mudar o sentido de transformação, aproximando do sonho e sua capacidade de transmutar a realidade e estabelecer domínios em conjunto com a vida.

A obra apresenta a face cíclica do mundo, cuja terra é tão viva quanto os seres que a habitam. A partir do momento em que são contadas as lembranças de Tuahir nos tempos que trabalhava na antiga estação ferroviária, percebemos como a narrativa conjuga a lembrança com o âmbito onírico, assim o personagem “vai juntando os resíduos do queimado numa velha tampa. Depois, sai do autocarro e espalha as cinzas pelas terras em volta [...]” (COUTO, 2007, p. 139). Diante dessa cena, é explicado que o personagem está a semear a terra, dando continuidade ao ciclo de morte e vida na sua infinita passagem.

À medida em que avançamos na leitura dos cadernos de Kindzu, somos apresentados ao personagem Quintino que passa a narrar um fato sobre uma visita que fez à casa de seu antigo patrão, não para roubar, mas sim “nacionalizar uns bens a favor do povo original” (COUTO, 2007, p. 143). Permitindo-se perceber que neste ponto o mesmo passava a retomar o espaço que foi colonizado e roubado pelo patrão. Algum tipo de justiça para o trabalhador só poderia ser feito dessa forma, não por concessão.

Ao adentrar naquele espaço, Quintino explica o momento em que o português Romão Pinto tinha voltado dos mortos, perguntando sobre seus pertences e sobre sua esposa. As pendências em vida do personagem refletem a forma que essa passagem faz com que a narrativa costure caminhos entre os elementos místicos e culturais, dando possibilidades de que seus espaços sejam reconstruídos.

Ao reparar os céus, Muidinga lembra acontecimentos envolvendo as idosas profanadoras, recorda a conversa que teve com Tuahir, sobre o quão pequeno se sente, em que o velho lhe respondera: “— É que você está só. Foi o que fez essa guerra: agora todos estamos sozinhos, mortos e vivos. Agora já não há país” (COUTO, 2007, p. 153). Nesse trecho vemos como a coletividade é quem faz um país, a solidão e o desamparo na guerra traz a sensação de insuficiência para que a vida melhore.

A possibilidade em que o âmbito onírico é capaz de transformar as ações em sociedade quando o “nosso mundo de então era feito de miséria e fome. O que valia o amor, a amizade? O único valor, nos atuais dias, é sobreviver” (COUTO, 2007, p. 155). Tal possibilidade se dá através das políticas de vida que modificam a realidade pelo encantamento por intermédio dos desejos humanos aos seus pensamentos de refazer os caminhos.

A partir do momento em que Tuahir e Muidinga brincam de trocar os papéis com Taímo e Kindzu percebe-se que o cronótopo se mescla na dupla realidade, assim o jogo possibilitou os cruzamentos das linhas narrativas. O movimento onírico estabelece uma reconexão com a vida, a obra mostra que:

O mundo se estreava, já não havia escuro, não havia frio. O autocarro incendiado, Junhito maldiçoado, os corpos carbonizados, as mãos do pastor Afonso sangrando, tudo isso ficava longe. De repente, o pai se desata a rir. Por um instante, Muidinga receia que o tio deseje quebrar aquele fingimento, cansado da ilusão. Mas não, o velho prossegue a brincadeira (COUTO, 2007, p. 156).

Esse jogo por efeito da troca de espaços possibilita que as suas vozes se comuniquem e que as lembranças sejam compartilhadas. A narrativa possibilitou com que o núcleo espaço-temporal dos personagens se mescle com Kindzu e Taímo, tornando-se parte daquela realidade. A medida em que os cadernos avançam é possível notar a liquidez do cronótopo, em que as dimensões que antes separavam-se, agora passam a caminharem juntas, em que a brincadeira recria os universos narrativos presentes no romance.

Quando Kindzu procura o paradeiro de Gaspar, filho de Farida, o personagem vai de encontro a Virginia, que utiliza o método de aparentar ser uma senhora sem lembranças para então escapar da realidade, passando a olhar “a vida como um lugar que já foi seu” (COUTO, 2007, p. 159). É perceptível que “a dita loucura dela era seu refúgio mais seguro” (COUTO, 2007, p. 170), pois ela consegue entender o espaço que lhe cerca através da criação de outra realidade.

Assim, o sonho possui a capacidade de transformar o cotidiano desolador, tornando possível viver em meio a destruição, em que modifica as percepções das estradas e os campos que se estabelecem os personagens na narrativa. A partir dos olhares em torno do trajeto, é observado que “[...] a paisagem em volta vai negando a aparente imobilidade da estrada” (COUTO, 2007, p. 174), tornando-a mais viva em meio pelo encanto.

E em seu caminhar, compreendemos que os horizontes vão se abrindo e ao longo do trajeto “se desenrola à sua frente um imenso pantanal. O que mar se escutava vizinho, a mostrar que aquelas águas lhe pertenciam” (COUTO, 2007, p. 174). Nesse momento Tuahir percebe que Muidinga quer ir de encontro ao mar, sem entender o motivo, o menino explica que “era como se o mar, com seus infinitos, lhe

desse um alívio de sair daquele mundo” (COUTO, 2007, p. 174). O ambiente marítimo lhe reconfortava, sobrevinha uma memória sonhada de uma liberdade encontrada nos movimentos e mistérios do mar.

E diante do desejo, os dois acabam atravessando o pântano. Na primeira noite naquele ambiente, o garoto reclama da situação pois tal espaço lhe trazia agonia em meio aos mosquitos, por conta disso na manhã seguinte, Tuahir ficou doente e pediu para o menino andar ao redor do lamaçal para afastar os anseios em torno da doença. Ao sair de perto do local em que Tuahir estava, Muidinga acaba encontrando um grupo de aves, compreendendo que:

As garças flutuam como lenços brancos em fundo cinza. Suas plumas, sem outro serviço que a beleza, penteiam a alma de Muidinga, como se lhe trouxessem a carícia do sono. Por cima do voo as brancas aves parecem meditar, seu peito sério, quase petulante. Seus gestos são de ensaiado bailado. Nem a fome lhes dá pressa, a caça se cumpre sempre mediante vagares (COUTO, 2007, p. 175-176).

O movimento das garças traz a simbologia de que a vida estar a flutuar em meio ao espaço reconfigurado da morte. E ao adentrar por esses caminhos, Muidinga encontra um pastorzito que lhe conta a sua estória naquele lugar, e a narrativa passa a nos levar a uma transformação da vida. O pântano trafega entre os caminhos da vida e da morte, cujo processo de encantamento é capaz de romper com seus limites de sentido dessas instâncias da existência, ambas se tocam e provocam o esperar de dias melhores.

Voltando ao local em que Tuahir estava, o velho começa a perceber que o seu fim já estava próximo, e então o miúdo constrói uma embarcação para sair daquele pântano, e “a medida que a jangada avança no mangal o miúdo vai medindo o quanto afeto guarda por aquele homem. No fundo o velho foi toda a sua família, toda a sua humanidade” (COUTO, 2007, p. 178). Foi através de Tuahir que Muidinga reconquistou a sua humanidade dentro daquele mundo morto que a estrada anteriormente lhe apresentava, mas que o romance apresenta no sentido de esperar a vida.

O décimo caderno de Kindzu nos prepara para seguir em meio ao “campo da morte”. O personagem começa a entrar em contato novamente com o seu pai através dos sonhos, perguntando-o sobre os acontecimentos. Assim, Kindzu interpela ao fantasma de seu pai o que acontecia com a terra, tendo como resposta que “[...]”

enquanto os homens dormem, a terra anda a procurar. [...] A terra anda a procurar dentro de cada pessoa, anda a juntar sonhos” (COUTO, 2007, p. 182). Os caminhos percorridos mostram que a narrativa construiu um sentido no cruzamento dos percursos, em que o espaço e tempo percorrem as infinitudes em meio a construção social do mundo.

A narrativa movimenta-se por via do estado sonâmbulo, que em meio a inércia do sono, os olhos se fecham para a realidade caótica, e por intermédio dos sonhos, é possível conhecer novos caminhos, e em meio a tudo, a narrativa nos questiona: “o que faz andar a estrada?” E prontamente responde: “É o sonho. Enquanto a gente sonhar a estrada permanecerá viva. É para isso que servem os caminhos, para nos fazerem parentes do futuro” (COUTO, 2007, p. 5). O futuro se faz mediante ao encantamento, reerguendo a vida e traçando rotas capazes de gerar novas maneiras e distintos sentidos aos seres vivos.

O jogo de vida e morte não se completa se não for pelo processo do (re)encanto, o sonho tem a capacidade de modificar a realidade de maneira a reescrever a estória, em que o presente são as ações que construímos pelas releituras do passado e a curiosidade em torno do futuro, em que o amanhã é feito a partir das escolhas em torno do sentido da vida.

Se por um lado a narrativa nos mostra o possível fim dos seus personagens, percebemos que tal momento é a sua escrita da infinidade da construção social. Partindo disso, o romance nos mostra que “começa então a viagem de Tuahir para um mar cheio de infinitas fantasias [...]” (COUTO, 2007, p. 196). Interligando com as palavras de Simas e Rufino (2020, p. 10), compreendemos que o contrário da vida não é de fato a morte, e sim o desencanto. Por meio do (re)encantamento vemos a vida em seu infinito mar, cujo ciclo continua a vibrar e se movimentar como suas ondas, correntes e marés.

Os movimentos vão escrevendo as estórias através dos cronótopos, a partir da pluralidade que é a vida. As ligações presentes no romance trabalham seus elementos para mostrar o sentido em seguirem pela estrada, de revelar os caminhos a serem trilhados, e em meio as suas voltas, é visto que a narrativa termina pelo seu início, estabelecendo que Kindzu já morto se encontra observando a vida em torno dos seus escritos, e assim:

Movidas por um vento que nascia não do ar, mas do próprio chão, as folhas se espalham pela estrada. Então, as letras, uma por uma, se vão convertendo em grãos de areia e, aos poucos, todos os meus escritos se vão transformando em páginas da terra (COUTO, 2007, p. 204).

O romance nos mostra que a vida em suma, parte de ciclos que ligam tempos e espaços mediante os sonhos, construindo caminhos a serem explorados, mapeando o sentido da vida. Ao longo do enredo foram percebidas marcas que mostram o desenvolvimento do processo político moçambicano, em que a terra se restabelecia no ressemear por entre as páginas dos cadernos, nos quais as memórias se reencontrariam através do onírico.

O cronótopo é tecido pelo (re)encantamento do mundo, a partir das perspectivas construídas em cada espaço-tempo. Se o sonho é capaz de movimentar as estradas, a tecelagem da vida deu forma à liberdade na obra, construindo um refúgio em meio a guerra por via das imaginações, das relações e do espaço-tempo que sobrepôs as múltiplas vivências em diálogo.

Dessa forma, o papel anticolonial dos sonhos possibilita que a obra de Mia Couto criasse estruturas capazes de interagir com os elementos narrativos ao longo do esperar. As perspectivas de vida em torno do (re)encantamento foram possíveis no decorrer das relações criadas entre os espaços e os seus personagens, em que seus diálogos promoveram uma retomada de saberes ancestrais, cujos caminhos tecidos fazem parte da construção social que a literatura é capaz de fazer pelas diferentes estradas do conhecimento.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao construirmos esta pesquisa em torno do livro de *Terra Sonâmbula* (2007), de Mia Couto, entendemos a sua necessidade em meio ao papel de compreender os sonhos enquanto possibilidade para o (re)encantamento que a narrativa apresenta. A leitura dos caminhos traçados através dos sonhos permitiu considerar o cronótopo enquanto elaborador de um olhar anticolonial sobre a vida.

As percepções que a temática proporcionou através do espaço-tempo narrativo vinculadas aos sonhos como possibilidade de (re)encanto em meio ao caos do pós-guerra moçambicano. As compreensões do encantamento a partir do âmbito onírico permitiram observar a coletividade da atuação da transformação do cronótopo narrativo. O romance se relaciona as conexões sociais a partir da sua amplitude da sua forma poética de representar como a vida é capaz de florescer durante o período de guerra, criando a possibilidade de se (re)encantar e modificar os espaços e tempos através de suas captações. A obra dribla a perspectiva de morte através do encantamento dos lugares no entorno do machimbombo queimado, no qual os personagens trazem os seus olhares voltados para a esperança.

Ao analisarmos a relação entre o espaço-tempo onírico como atuantes na problematização de encantamento da política de vida no romance, foi possível traçar um olhar pelas as relações nos quais o cronótopo desenvolve-se dentro do esperar da narrativa, nos quais as suas mudanças impactaram a forma das movimentações que a política de vida possibilita ao longo do projeto.

As distinções das construções decorrentes da problematização dos personagens em relação ao espaço-tempo desolador do início da narrativa deram lugar ao florescer de novas perspectivas nos quais a vida se reestabelecia perante as conexões das duas camadas narrativas. A obra de Mia Couto nos movimenta diante de cognições que caminham através do encanto proporcionado pelos sonhos.

Esta pesquisa nos possibilitou entender o sonho como parte essencial para o encantamento da vida, a partir da construção literária, foi possível articular maneiras de perceber como cada ponto da narrativa está de certo modo ligado a relação em que o encantamento vincula-se as possibilidades de cada espaço e tempo presente nos seus intervalos e passagens, em que o encantamento acontecia devido as

ligações em que cada plano costurava os seus pontos em meio as possibilidades em que o sonho gerou em *Terra Sonâmbula*.

A percepção de como a construção do espaço-tempo via (re)encantamento através da política de vida em contraponto à política de morte, em que ao longo da narrativa, foi percebível como o sonho se articula pela possibilidade anticolonial do romance, nos quais a sua construção do cronótopo levou a perceber as marcações que a obra proporciona em seu jogo de ir e voltar no tempo, no qual os personagens se conectavam a medida que avançavam os diálogos na narrativa, compreendendo as ressignificações dos lugares que passavam.

O olhar estabelecido em paralelo ao da realidade caótica da guerra que a obra apresenta a estória de Moçambique a partir de uma visão marcada pelo encantamento e uma ligação cultural das matrizes do continente africano. O estado de morte se posiciona como um fechamento de um ciclo para o início de outro, não determinando o seu fim, mas um novo recomeço de idas e vindas nos espaços-tempos.

O cronótopo narrativo desenvolve uma comunicação capaz de levar o ciclo de vida e (re)encanto ligados em meio a um sincronismo de ideias. A literatura possibilita essa passagem que conecta os saberes históricos aos mitológicos, em que as algemas da colonização são quebradas a partir da rima de espaços e tempos, costurados aos sonhos, em que a liberdade do pensamento é capaz de fluir através dos elementos de espaço-temporais.

A obra proporcionou um olhar mais a fundo sobre as diferentes perspectivas de espaços e tempos, atrelados a figura de liberdade no qual o estado de sonho é capaz de conceder. Os estudos literários possibilitaram perceber a representação de mundo no qual a narrativa nos leva através de seus diálogos e voltas em meio aos seus campos de passagem. Entender o seu papel como perspectiva do período da luta por libertação no qual Moçambique enfrentou durante a conquista de sua independência, parte do estado de representação e de importância que possui ao dar voz a diferentes olhares do mesmo período histórico.

A movimentação em meio aos caminhos e diálogos nos quais os personagens traçaram ao longo de cada passagem é uma visão daquilo no qual transmite, que cada espaço-tempo é fruto de uma perspectiva de mudança e de reestruturação. O seu olhar nos reflete ao pensamento de que a morte não determina o fechamento do ciclo, mas a passagem para uma nova perspectiva.



O deslocamento no qual o sonho desenvolve no romance nos posicionam a ideia de que tais perceptivas apresentam uma ressignificação do sentido de vida e morte, notando-se o seu desdobramento a medida que se avançava na pesquisa. A narrativa explora os encadeamentos e estabelece o sentido de ligação das suas camadas, em que o contemporâneo constitui a fluidez e ritmo do desenvolvimento do romance.

Assim, mediante os olhares dos personagens, principalmente pelo de Muidinga/Gaspar, percebe-se a transformação no qual cada espaço surgia a medida em que o tempo que passava pelas leituras dos cadernos do personagem Kindzu. As observações fomentavam e mudavam os olhares do garoto, e narrativa seguia seu florescimento em meio a construção espaço-temporal.

Ao retomarmos a pergunta central desta pesquisa de “como o cronótopo onírico atua nas personagens por meio das relações de resistência à catástrofe deixada pelo processo pós-colonial no romance?” Percebemos que foi possível ver que as categorias de tempo e espaço atuaram na construção através do (re)encantamento do personagem em relação ao mundo, em que a política de vida possibilitou a construção dos sonhos dos personagens.

Dessa maneira, espera-se que as pesquisas em torno da obra *Terra Sonâmbula* se ampliem, uma vez que a narrativa constrói uma perspectiva capaz de interligar os seus leitores a entenderem e pesquisarem o papel dos sonhos como possibilidade para o (re)encantamento do mundo. Almejamos com esta pesquisa uma afinidade entre os estudos literários brasileiros e moçambicanos, de maneira que cada um deles apresentem uma perspectiva voltada para a mudança e melhoria da sociedade, para diminuir as desigualdades e violências. A literatura possibilita pensar o cultivo da vida, tendo em vista a liberdade.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Formas de tempo e de cronotopo no romance: ensaios de poética histórica*. In: **Questões de literatura e estética** - a teoria do romance. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini. São Paulo: Unesp, 1998. p. 211-362.
- BARBOSA, João Alexandre. *Leituras: O intervalo da literatura*. In: **A leitura do intervalo**. São Paulo: Iluminuras. 1990.
- BOURDIEU, Pierre. **O desencantamento do mundo: estruturas econômicas e estruturas temporais**. Tradução de Silvia Mazza. 2ª Ed. rev. e aumentada. São Paulo: Perspectiva, 2021.
- CÉSAIRE, Aimé. *Cultura e colonização*. In: SANCHES, Manuela Ribeiro. **Malhas que os impérios tecem: Textos anticoloniais, contextos pós-coloniais (Lugar da história)**. 1ª ed. Lisboa: Edições 70. 2012. p. 253-272.
- COUTO, Mia. **Terra Sonâmbula**. 1ª ed. 23ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras. 2007.
- HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção**. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago Ed. 1991.
- MBEMBE, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte**. Tradução de Renata Santini. São Paulo: n-1 Edições, 2018.
- RIBEIRO, Sidarta. *Por que sonhamos?* In: **O oráculo da noite: A história e a ciência do sonho**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 11-36.
- RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Mórula Editorial. 2019.
- SIMAS, Luiz Antonio. **O corpo encantado das ruas**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2020.
- SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. **Encantamento: Sobre política de vida**. ed. digitalizada. Rio de Janeiro: Mórula Editorial. 2020.
- VECCHI, Roberto. *A guerra colonial, a escrita de género, o trágico e o autor póstumo (Trágico I)* In: **Excepção Atlântica: Pensar a Literatura da guerra colonial**. Porto: Edições Afrontamento. 2010. p. 124-148.